

# VAQUEJADA: a pega de boi na caatinga resiste no sertão sergipano

*Sônia de Souza Mendonça Menezes*  
Doutoranda na Universidade Federal de Sergipe.

*Maria Geralda de Almeida*  
Professora da Universidade Federal de Goiás.

## Resumo

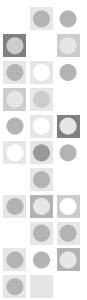
Este artigo objetiva analisar as vaquejadas, evidenciando alguns aspectos relacionados à constituição dessa representação cultural e o significado dessa prática para as comunidades rurais do sertão sergipano do São Francisco. Para concretizar a pesquisa, foi realizado trabalho de campo durante a ocorrência da festa e em algumas comunidades rurais, junto aos vaqueiros e seus familiares.

Palavras-chave: festa rural; vaquejada; identidade cultural.

## Abstract

This paper aims at analyzing 'bull racing' (the so-called 'vaquejadas'), bringing to the fore aspects of this cultural event's constitution as well as its significance to rural communities near São Francisco river, in the setao (semi-arid region) of Sergipe State, in Brazil's Northeast. Research was undertaken in rural communities, with cowboys and their families, during days of party.

Keywords: rural party; vaquejada; cultural identity. Introdução



Ao abordar as questões culturais no espaço geográfico, uma das maneiras utilizadas pelos estudiosos tem sido fazer uma discussão a respeito de expressões criadas. No caso do meio sertanejo, cita-se a contribuição de Câmara Cascudo. Para Câmara Cascudo (2005), as expressões culturais nordestinas remontam ao século XIX e refletem o processo de ocupação vinculado à pecuária. É o caso das vaquejadas – ou pegas de boi no mato –, que existem desde meados do século XIX e contemporaneamente estão ameaçadas de extinção na maior parte do sertão nordestino, ou desapareceram de lá.

Este artigo objetiva colocar em evidência as vaquejadas e analisar alguns aspectos relacionados à constituição dessa representação cultural e o significado dessa prática para as comunidades rurais do sertão sergipano do São Francisco. Escolheram-se, para isso, as representações, pois, como salienta Almeida (2003, p.71), “através do conhecimento das representações das pessoas, é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida dos homens e mulheres”. As representações culturais refletem o modo de vida dos atores e, para entendê-las, deve-se adentrar no espaço social e desvendar a constituição e as práticas desse espaço.

O modo de vida dos sertanejos sergipanos está relacionado à criação de gado e aos cultivos de subsistência. Para isso, ainda são evocados os conhecimentos tradicionais sobre a natureza, utilizando-se as percepções ou as profecias – sobretudo em relação à chuva – repassadas pelos antepassados. Ao mesmo tempo que essas práticas culturais direcionadas à sobrevivência são conservadas, observa-se que outras tradições estão sendo extintas, como é o caso dos leilões e, em muitas áreas sertanejas, das vaquejadas. Esse tipo de festa atrai o sertanejo e reforça a sua identidade territorial, refletindo o seu cotidiano e o seu espaço vivido.

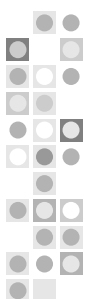
A vaquejada, festa que teve origem, no sertão nordestino, com a labuta na criação de gado, a partir da festa da apartação, constitui-se em uma representação cultural arraigada do sertanejo e é uma prática lúdica rural. Assim, este estudo iniciará com uma discussão sobre a festa da apartação – visando contextualizá-la no espaço e no tempo, uma vez que ela é a raiz das festas atuais –, para posteriormente abordar as vaquejadas e concluir com exemplos de resistência da pega do boi na caatinga em várias localidades do sertão sergipano.

### Da apartação à vaquejada

Historicamente, o processo de formação e ocupação do sertão nordestino ocorreu com o crescimento da economia em Salvador e Olinda. Quando o sertão principiou a adquirir importância, fortaleceu-se o interesse para, a partir desses dois núcleos urbanos, ampliar-se o conhecimento das áreas sertanejas, integrando o sertão à colonização portuguesa. Segundo Andrade (1986), tais movimentos comandaram a arremetida para os sertões, na busca de terra para a criação de gado, refletindo a demanda de animais para os engenhos e para o abastecimento dos centros urbanos em crescimento.

O estado de Sergipe tem, nas fazendas de gado, o elemento inicial do povoamento dos domínios dos Tupinambás. Como diz Freire (1978, p.33), “antes do sergipano ser lavrador foi pastor”, o que denota que a presença da pecuária em Sergipe é anterior ao cultivo da cana-de-açúcar.

Conforme relata Diniz (1996), a ocupação das áreas sertanejas em Sergipe iniciou-se no século XVI, com a doação de grandes e pequenas glebas de terras pela Coroa Portuguesa, visando firmar a posse, então ameaçada pelas



invasões holandesas. A dimensão dessas glebas de terras, isto é, das sesmarias, variava de acordo com as possibilidades de utilização econômica e com a localização e a facilidade de acesso. Desse modo, a pecuária praticada em grandes áreas permitiu e facilitou a formação de explorações extensas.

Embora outras categorias tenham participado da ocupação, o sertão tem no vaqueiro um dos agentes precursores do povoamento, como salienta Diniz (1996, p.52):

“Na expansão do povoamento para o sertão, não se pode ignorar a figura do vaqueiro que, utilizando-se da quarteação, acabou por se transformar em criador, dando origem a uma estrutura de pequenos pecuaristas que persiste até os dias atuais”.

Nesse período, além da criação de gado, alguns camponeses<sup>1</sup>, no sertão, se dedicavam aos cultivos de milho, feijão, mandioca e algodão, abastecendo as grandes propriedades e a população urbana local, que crescia. Para isso, aqueles que não possuíam área suficiente estabeleciam com o grande proprietário uma relação indireta no uso da terra, pagando em renda-trabalho e/ou produto. Quando os grandes proprietários não cediam a terra, os trabalhadores se transformavam em posseiros, ocupando novas áreas.

Diante da pecuária, a produção de alimentos não se constituiu na atividade mais importante do sertão, o que é enfatizado por Andrade (1986, p.155):

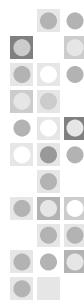
“A agricultura não foi a atividade principal; desenvolveu-se mediocrementemente à sombra dos 'currais', devido à grande distância que separava aquela zona do litoral e ao elevado preço que os gêneros atingiam após o transporte por dezenas de léguas”.

O domínio da pecuária no sertão nordestino é denominado, por Capistrano de Abreu, de *civilização do couro*, em virtude da diversidade de utensílios domésticos e móveis produzidos nesse período com tal matéria-prima. Ao analisar esse complexo cultural, o autor enaltece o couro, pela diversidade de usos:

“[...] de couro era a porta das cabanas; rude leito aplicado ao chão, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar a roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagens, as bainhas de facas, as brocas e os surrões, a roupa de montar no mato, os bangüês para cortumes ou para apanhar sal [...]” (1930, p.71).

Com tamanha importância, a pecuária perdura no sertão sergipano até meados do século XX, sendo praticada quase de forma exclusiva pelos grandes proprietários. Paralelamente à criação de gado, desenvolvia-se a cultura de algodão, presente principalmente nos pequenos estabelecimentos sertanejos. Porém os grandes proprietários, percebendo que a rama do algodão, juntamente com a palha do milho, poderiam constituir uma ração suplementar para o gado nos meses mais secos, passaram a ceder terras aos trabalhadores desprovidos desse bem, em troca do restolho dessas culturas. Conseqüentemente, no século XIX, ocorreu uma revitalização da pecuária, surgindo novas perspectivas para o sertão, uma vez que essa prática passou a ser associada ao cultivo de algodão, constituindo-se ambos em grandes fontes de renda na região. Cabe lembrar, ainda, que os cultivos mais importantes no estado estavam localizados na zona da mata, onde dominava a cana-de-açúcar.

Apesar de ser uma atividade importante, até a metade do século XX a pecuária se apresentava ainda pouco intensiva, e os bovinos criados soltos, pouco



modificando a vegetação nativa do sertão. O gado, resistente ao clima semi-árido e à vegetação da caatinga, era denominado de “crioulo” ou “pé-duro”, devido a sua rusticidade e ao fato de não pertencer a uma raça específica. Para adentrarem na caatinga, os vaqueiros, montados em seus cavalos, usavam chapéu e guarda-peito de couro, gibão, perneiras. Para proteger o cavalo, também, da vegetação nativa, utilizavam nos animais os largos peitorais e cabeçadas protetoras. Isso não era um mero ato rotineiro do dia de trabalho, mas um momento que os vaqueiros tinham para demonstrar a sua coragem, força e agilidade. Refletindo a respeito da destreza e fortaleza dos sertanejos na lida com o gado na caatinga, autores como Euclides da Cunha (1999), em *Os Sertões*, e José de Alencar (1969), no romance *O Sertanejo*, abordaram essa representação sertaneja.

Como não havia demarcações nas fazendas, as chamadas cercas de arame farpado, quando o gado se embrenhava na caatinga, misturava-se aos de outros fazendeiros. Assim, no período das chuvas ou no momento da comercialização, o fazendeiro proporcionava festejos, para reaver as reses perdidas. Convocava vaqueiros da própria fazenda e de outras circunvizinhas, objetivando aproveitar o conhecimento decorrente da lida diária e reaver e selecionar o seu gado.

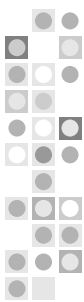
Corroborando o que disseram os romancistas citados, Manuel Correia de Andrade abordou a criação de gado no agreste e no sertão e comentou a apartação e a vaquejada. Para esse autor, a apartação era uma festa proporcionada pelo fazendeiro para tentar recompor seu rebanho, ou ocorria no momento de ferrar o gado para a comercialização; já a vaquejada se originou com a procura dos animais bravios na caatinga. Conforme descreve esse autor,

“[...] o animal bravo selvagem, o 'barbatão' que logo ganhava fama, atraindo os vaqueiros mais em sua perseguição. Para a sua captura convocavam-se vaqueiros das várias ribeiras que em verdadeira festa iam perseguir o animal bravo. O que o derrubava, além de grande fama, recebia como prêmio, ou o animal vencido, ou uma importância em dinheiro” (1986, p.122).

Essas investidas, posteriormente, transformaram-se em rituais festivos, atraindo, no sertão, as comunidades próximas e as distantes. Da apartação do gado, nasceu uma festa rural que dominava em todo o sertão nordestino.

Cascudo (1979), referindo-se a essas festas, destaca não reconhecer registros anteriores a 1870, isso está relacionado ao fato de o crescimento da criação de gado ter-se tornado relevante somente a partir de meados do século XVIII. As vaquejadas consistiam em rituais de sociabilidade e entretenimento, não excluindo a presença dos fazendeiros. Eram festas da cultura popular organizadas pelas camadas desfavorecidas da sociedade. Como diz Machado (2002, p.344), “a festa é um dos momentos de realizar o encontro com as raízes fundantes, de estabelecer parceiros, de (re)construir uma humanização perdida”. O trabalho torna-se festa; a seriedade do trabalho como cumprimento da obrigação torna-se alegria, que se reveste no encontro com os amigos, na demonstração de habilidade, de destreza, de vigor físico dos sertanejos. A festa é um jogo no qual todos participam, sendo considerada pelos vaqueiros como uma brincadeira. A simbologia da vaquejada está disseminada no imaginário do sertanejo, como um ritual de interação social e entretenimento amplamente divulgado pelos romancistas e folcloristas nordestinos.

A vaquejada sempre foi praticada em duplas, em que o *esteira*, aquele que mantinha o gado na linha, estava acompanhado por outro companheiro, incumbido de fazer a derrubada do boi. Essa divisão da dupla era feita disputando-se desde o início da brincadeira através de sorteio. Atualmente, a vaquejada ainda



continua a ser feita em dupla, porém a escolha do parceiro é pessoal. É comum observarem-se vaqueiros exibindo seus ternos de couro à espera do companheiro para fazer a inscrição.

A consolidação da vaquejada estava integrada à vida cotidiana dos sertanejos. O ritual da festa afirmava, como ainda o faz, a força, a vitalidade, a energia do homem sertanejo. Na festa, aquele que era subjugado e participava de plano social secundário na economia criatória tornava-se reconhecido com a obtenção de prêmios pelas habilidades de vaqueiro demonstradas. O reconhecimento das suas habilidades era relatado e elogiado por todos os presentes em áreas circunvizinhas, mas isso não lhe proporcionava ascensão social. Ele continuava sendo o mesmo vaqueiro, um sertanejo.

Nos lugares sertanejos onde são mantidas estas festas a identidade cultural está construída por meio de símbolos de uma memória coletiva, alicerçada por histórias de bravura, coragem e sagacidade dos vaqueiros de outrora. Giddens (2000, p.56-57) salienta esta funcionalidade afirmando que “a festa é considerada uma tradição na medida em que o passado estrutura o presente através de crenças e sentimentos coletivos e compartilhados”.

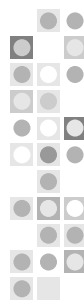
Nesta “brincadeira” o ritmo de vida cotidiana é desfeita. A submissão é quebrada, impondo-se a lógica da coragem, comemoração e da alegria. Atualmente, na continuidade desta prática cultural são inseridas alterações, permanecendo a indumentária, o lugar (área com a vegetação da caatinga preservada) e o tempo de duração com a vaquejada. São outros tempos no sertão sergipano, entretanto, o passado configura o presente.

#### As transformações no sertão sergipano e a resistência das vaquejadas

A partir da década de 1970, a pecuária em Sergipe, localizada principalmente no agreste e sertão, alçada prioritariamente por uma agricultura familiar, tem seu crescimento acelerado. Este crescimento é uma consequência de alguns fatores favoráveis como: melhores estradas, clima propício às pastagens, menor incidência de doenças no rebanho bovino e uma política de crédito agrícola voltada principalmente para a região semi-árida através dos Projetos PROTERRA, POLONORDESTE e SERTANEJO.

Dentre estes projetos no estado de Sergipe e, mais precisamente, no sertão, o Projeto Sertanejo (1977-1983) foi considerado como o principal incentivador, contribuindo decisivamente para o crescimento da atividade pecuarista. A atuação deste estava direcionada para a viabilização das reservas alimentícias para os animais nos períodos de estiagem, funcionando como linha de crédito destinada a investimentos fixos, semifixos e de custeio. Tal projeto desenvolveu ações que proporcionaram a implantação de pastagens, mecanização e tração animal, conservação de açudes e solos. Assim, de forma crescente, foram introduzidas na área sementes selecionadas, como a do *buffel* (*Cenchrus ciliaris*), do pangola (*Digitaria decumbens* S) e da brachiária (*Brachiária decumbens*), além de máquinas agrícolas modernas, como tratores, na aração das terras.

Discutindo sobre o domínio da pecuária em relação à lavoura, no sertão sergipano, Menezes (2004) destaca que ela resultou de fatores como a tradição pecuarista dos sertanejos, as freqüentes estiagens e o incentivo de políticas públicas, com o Projeto Sertanejo. Com a introdução, na agricultura, das mudanças acima mencionadas, os proprietários rurais passaram a utilizar reduzida mão-de-obra no trato com o gado. Na formação das pastagens plantadas, eles passaram a utilizar-se da renda-trabalho para semear o capim, cedendo a terra por um a dois



anos aos agricultores sem terra e recebendo em troca pasto formado. O trabalhador sem-terra ou com terra insuficiente passou a se deslocar em busca de novas terras, algumas vezes ainda com a vegetação natural. Com a devastação da vegeta o natural, prevalece uma vegeta o monótona, homog nea, composta pelos pastos plantados, sobretudo com o capim *buffel*.

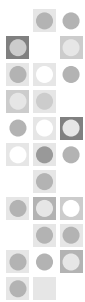
Resta a caatinga nos vales e encostas e em áreas reduzidas, para atender   exigência do IBAMA (20% de reserva legal). Esses lugares, ao serem mantidos como reservas legais das propriedades, são preservados e considerados como um espaço "mítico" carregado de significados para o sertanejo.   ali que ele vai encontrar as sementes, as cascas, as raízes para os chás e lambedores e lenha para o dia-a-dia. Essas reduzidas áreas de vegeta o nativa são, ainda, utilizadas para as "brincadeiras", no caso a "vaquejada" ou "pega do boi no mato". Com a inser o dos pastos plantados, há uma redu o significativa da caatinga e dessa festa na região nordestina. A festa   (re)inventada nas áreas urbanas com o mesmo nome, ocorrendo a inser o do moderno, do rural ao urbano. A discussão sobre a (re)inven o dessa festa foi realizada por Maia(2003) e Vargas(2003).

Com a devasta o da caatinga e a apropria o da festa pelo capital, as vaquejadas passaram a ser praticadas em parques localizados nas áreas rurais e nos centros urbanos, durante o dia ou a noite, acompanhadas de *shows*, sem os vaqueiros com seus trajes t picos, tendo a participa o de profissionais para a derrubada do boi. Dessa "nova" vaquejada, também conhecida como corrida de mourão, geralmente os tradicionais vaqueiros não participam, uma vez que o valor da inscri o   elevado. Eles afirmam que o cavalo utilizado nessa vaquejada urbana deve ser bem zelado (de alta linhagem), uma vez que não existe o desafio da caatinga; por isso, para eles, a vaquejada urbana   uma festa "fria". Alguns proprietários do gado usado na vaquejada tradicional descartam o empréstimo dos seus animais para as corridas de mourão, ou vaquejadas urbanas, em decorrência do desgaste destes, ocasionado pelas inúmeras corridas (disputas) de que o animal participa em uma única festa. Diferentemente da vaquejada urbana, na festa da caatinga os animais (os bois) são correm uma vez, embrenhando-se na mata, e não se desgastam. Além disso, o número de acidentes   considerado reduzido, se comparado com o da outra festa, segundo os participantes da vaquejada da caatinga.

Com esse cenário, não   de se estranhar que essas festas se tornem menos freqüentes no meio rural do sertão nordestino. Entretanto, elas continuam vivas em todos os municípios da microrregião do Sertão do São Francisco<sup>2</sup>.

A paisagem sertaneja sergipana traz ainda a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Resistindo, como a caatinga, essa tradi o cultural típica do século XIX permanece no sertão. As vaquejadas são organizadas pelas comunidades rurais, que as divulgam em panfletos ou de forma direta. Diferentemente da festa (re)inventada, os atores são os t picos vaqueiros que vivem e sobrevivem nas área rurais, nos povoados e pequenos centros urbanos.

Segundo o depoimento do Sr. Maurício Pajeú, *aboiador* e locutor de vaquejadas no sertão sergipano, a partir do mês de agosto até o mês de dezembro, semanalmente, há uma festa de vaqueiro em uma comunidade. A concentra o das festas nesse período decorre do fato de essa ser a época em que a caatinga se apresenta mais verde, mais fechada. Ela   também propícia porque durante o inverno, de abril a julho, ocorrem as chuvas no sertão sergipano e, com a forma o de grande lama al, a prática da pega do boi se torna perigosa. O Sr. Maurício Pajeú também ressaltou que, nos meses de verão, após as "chuvas de trovoadas", quando a caatinga cresce, também são realizadas pegas de boi no mato.



Nessa viva tradição cultural sertaneja vão, aos poucos, sendo introduzidas modificações. A respeito das tradições, Giddens (2000) enfatiza que elas se caracterizam pelo ritual e a repetição, os quais, no entanto, evoluem ao longo do tempo. Nesse sentido, entende-se que as vaquejadas, com seus rituais e repetições, a despeito de modificações, constituem uma tradição. Antigamente, os vaqueiros teriam que derrubar o boi e trazê-lo até a comissão, para poder receber a premiação. Entretanto, a sociedade, em defesa dos animais, proibiu essa prática, porque maltrata os animais, e hoje, para receberem a premiação, os vaqueiros trazem um colar, que o animal traz pendurado no pescoço. Anteriormente, havia a presença de numerosos *aboiaadores* e *repentistas*, que chegavam no dia anterior e passavam a noite cantando; atualmente poucos aparecem: os idosos já não participam e são poucos os jovens que *abóiam*. Isso decorre do avanço dos meios de comunicação, por intermédio dos quais a cultura urbana domina os rincões sertanejos e a cultura local vai perdendo espaço. Também antes os competidores recebiam o almoço na residência do organizador; nos tempos atuais eles trazem de suas residências ou compram aos comerciantes que se instalam nas imediações da festa.

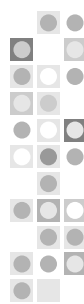
Convém ressaltar que não é a premiação a razão maior da participação do vaqueiro na vaquejada. Os organizadores, como o Sr. Francisquinho, de Itabi-Sergipe, e Danielzinho, de Aquidabã-Sergipe, revelam que, com a crise econômica, a premiação tem valor simbólico, uma vez que a inscrição geralmente tem um preço mais elevado que os prêmios recebidos.

Quanto à distribuição de prêmios, há uma relação com o porte da festa: naquelas que são organizadas por agricultores familiares, os prêmios têm menor valor quantitativo. E os prêmios mais valiosos são escolhidos para os animais mais bravos, os mais famosos. Entretanto os participantes não reclamam da premiação, pois, para eles, o que importa é competir.

Os vaqueiros e os espectadores sertanejos vão chegando de todos os lugares, povoados, dos municípios circunvizinhos e de outros mais distantes. O deslocamento é realizado de várias maneiras – em carro, cavalo ou a pé, de acordo com as posses do indivíduo e a distância de sua residência ao local da festa. Quando esta transcorre no mesmo município ou em áreas próximas, os vaqueiros fazem o deslocamento em animais, levando sem carga os cavalos que irão participar do evento. Nas festas que ocorrem em áreas mais distantes, os animais são transportados em caminhões.

Com a chegada dos vaqueiros, o local da vaquejada ganha animação, destacando-se os traços tradicionais. Os vaqueiros continuam a usar os seus trajes típicos, os conhecidos “ternos de couro”. Antes da corrida no mato, eles passam sebo (gordura crua de boi) no couro do vestuário, para que as peças deslizem melhor no confronto com galhos e folhas da caatinga.

Contrapondo-se às vaquejadas realizadas em áreas urbanas nos finais de semana, as da caatinga são realizadas durante a semana, geralmente às quintas ou sextas-feiras. A escolha desses dias está relacionada às feiras freqüentadas pelos vaqueiros, as quais ocorrem geralmente aos sábados e domingos. Além disso, o dia de domingo é considerado por eles como um dia de descanso, que deve ser “guardado”, como era feito na tradição antiga mantida pela Igreja católica. Segundo os antigos vaqueiros, como Sr. Francisquinho, pega de boi em dia de domingo é muito perigoso, porque os vaqueiros ficarão sem a proteção divina. Essa reflexão é típica de região onde os ritos religiosos continuam vivos e arraigados no imaginário popular.



No início da vaquejada, o locutor da festa faz aboios e repentes com os presentes, vaqueiros famosos e aqueles idosos. Em seguida, faz uma oração pelos vaqueiros mortos e pelos vivos, saudando a todos. De acordo com a inscrição, é conclamada a primeira dupla para retirar do “bozô” (uma bolsa de plástico) o número e o prêmio que vai receber e chama-se o boi. Como descreveu Cascudo (2005, p.108), o ritual ainda transcorre de forma idêntica:

“Os touros e novilhos se agitavam inquietos e famintos, tangiam, com grandes brados, um animal para fora da porteira. Arrancava este como um foguetão. Um par de vaqueiros corria lado a lado. Um seria o 'esteira' para manter o bicho numa determinada direção. O outro derrubaria. Ao pôr-do-sol acabava-se”.

Essa festa está intimamente relacionada com a natureza, devendo ser realizada em meio à vegetação da caatinga. Inicia pela manhã, a partir das oito horas e termina às 17 horas, devido à falta de luminosidade, que dificulta a procura do animal, e aos perigos existentes.

Observa-se a participação de atores de diferentes faixas etárias, exclusivamente do sexo masculino. São adolescentes, jovens e adultos. Alguns adultos de mais idade, quando indagados sobre a sua participação, retratam uma melancolia ao referirem sua idade, o que indica a sua possível retirada do circuito, devido às dificuldades impostas pelo tempo. Essa tristeza torna-se maior quando eles não deixam sucessores, diferentemente de outros que a escondem por trás do prazer de terem um herdeiro participando da brincadeira. Alguns vaqueiros antigos sentem orgulho por passarem essa tradição aos seus filhos, exibindo-os como seus sucessores. O Sr. Lúcio, de Itabi-Sergipe, destaca: *este é o único esporte onde o vencedor leva geralmente o prêmio de valor inferior ao que foi pago na inscrição. Continuo a participar porque é o meu esporte preferido. A emoção é muito forte durante a festa. Como não posso mais brincar, faço questão de ajudar na inscrição de alguns vaqueiros, além do meu filho, e de criar algumas reses na solta para emprestar aos amigos para as vaquejadas. Assim faço muitas amizades e não deixo a festa acabar (08/2006)*. Esse depoimento coincide com o pensamento de Giddens (2000, p.53), que enfatiza: *“viver a tradição significa defender as atividades tradicionais por meio de seu próprio ritual e simbolismo, defender a tradição por meio de suas pretensões...”*

Durante a realização da festa, os antigos vaqueiros que participavam da brincadeira não se contêm e adentram na caatinga, ocupando pontos estratégicos para observarem melhor a derrubada do boi. A mera participação como expectadores junto à vegetação os faz recordar seus feitos em períodos anteriores. Observar de perto a derrubada do boi traz-lhes a recordação de suas façanhas e, nas conversas com o grupo, possibilita-lhes compartilhar sobre os melhores momentos vistos durante a festa. No meio da caatinga, ficam grupos de vaqueiros jovens e idosos aboiano. Eles contam e cantam feitos de animais lendários que poucas vezes foram derrubados pelos vaqueiros e que exibem vários colares de vaquejadas de que participaram. Também cantam lembrando os feitos e a tristeza dos antigos vaqueiros por não poderem mais participar da festa como atorem. A emoção reina. E muitos, para não chorar, procuram controlar a emoção com as bebidas alcoólicas. Contudo, a voz é trêmula ao falarem da festa. Não podendo participar das disputas, eles cantam versos com os antigos companheiros e ou com vaqueiros jovens:



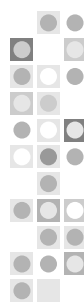
*“...Vaqueiro...  
O corpo dele é marcado por mais de uma cicatriz  
Que cresceram do ferimento, recorda o passado e diz.  
Guardei perneira e gibão,  
Para Deus a profissão.  
...Recorda que foi pastor,  
amigo dos animais,  
Se despede dos currais,  
Morre, mas deixa a história que todo vaqueiro é valente...”*

No decorrer da festa, são muitos os vaqueiros acidentados, feridos, machucados, devido ao fato de a caatinga conter uma grande diversidade de espécies, os galhos dos arbustos impedindo a passagem livre dos cavaleiros. Ocorrem quedas dos cavalos, muitas vezes causando graves fraturas nos braços e nas pernas dos vaqueiros. As xerófilas, com os seus espinhos, furam, rasgam as faces. Os participantes mais jovens, ao término da festa, exibem com orgulho os ferimentos. Essas marcas, estampadas no seu rosto e no corpo, demonstram a sua coragem, a sua valentia, a sagacidade do vaqueiro. É motivo de êxtase o momento em que, mesmo ferido, ele consegue derrubar o boi mais bravo e seu feito é destacado pelos *aboiadores* locais e de outros municípios.

Os princípios de pertença ao meio sertanejo e da festa da vaquejada se objetivam em sentimentos de honra, orgulho e solidariedade, que emanam dos atores e operam de maneira a integrar o indivíduo à coletividade através de emoções relacionadas à necessidade de acreditar no próprio valor. Exemplo deste sentimento é o que expressa o cantor de forró e *aboiador* Danielzinho (Aquidabã-Sergipe), que exibe com orgulho a perda de um olho nas pegas de boi no mato. Ele enfatiza: *Comecei a correr com 12 anos; sinto orgulho de ser filho de vaqueiro e meus irmãos continuam a participar das disputas. Após esse acidente desanimei de participar da festa. Mas, depois resolvi cantar sobre a saga dos vaqueiros e as músicas de forró. Atualmente promovo festas reunindo os vaqueiros no povoado Mão Esquerda em Itabi-Sergipe e participo sempre que posso desses eventos, ajudando os amigos a preservar a festa.* Esse cantor, a despeito de ter alcançado a fama no estado de Sergipe, é encontrado no meio dos vaqueiros cantando com os idosos e/ou os mais jovens.

Apesar da concorrência das festas (re)inventadas, a vaquejada tradicional resiste, e a sua resistência está relacionada com a identidade cultural, reforçada pelas relações de proximidade existentes nas comunidades rurais e também, conforme já foi dito, com o fato de as festas urbanas não causarem o mesmo “frisson” no vaqueiro tradicional e serem excludentes, devido aos valores cobrados pela inscrição. Esse fenômeno da proximidade social é que permite uma forma de coordenação entre os atores e valoriza o conjunto do ambiente em que eles atuam. Nessas terras de homens lentos, a vida social e os reencontros múltiplos ocorrem em escala reduzida, destacando o predomínio das relações de vizinhança, de proximidade na comunidade e nas circunvizinhas. Wagner e Mikessel (2003) afirmam que, quando as pessoas pensam e agem similarmente, porque vivem, trabalham e conversam juntos, atribuem o mesmo significado às coisas ao seu redor. Disso resulta a cultura, que é a capacidade que as pessoas têm de se comunicarem entre si ou através de símbolos.

Nessa festa, observa-se a importância da vizinhança para o fortalecimento das camadas socialmente excluídas frente às dificuldades, tornando-se essas relações um atributo valioso existente no mundo rural. As tradições passam a representar os modos de vida rural de outrora e o desejo de



vencer, em modelos interpretativos que não conseguem açambarcar a sua vida cotidiana. Na medida em que, na vida cotidiana, não cabe o sentido de herói e vencedor, podem-se reconhecer aí elementos para pôr em xeque contradições lógicas da festa e do trabalho, sobretudo para o equacionamento de questões e dilemas advindos da própria vida rural.

A não-apropriação do capital e a ausência do *marketing* fazem com que essa festa não atraia multidões, somente as comunidades rurais e os grupos urbanos que mantêm essa identidade cultural. Na festa paralela, ocorrem *shows* de violeiros, de repentistas e os *aboiadores* entoam seus versos e trovas direcionados aos participantes.

A despeito da participação das mulheres, observa-se que essa é uma festa androcentrista. Não há registro de participação de mulheres nas pegas de boi, e mesmo aquelas que admiram a vida de gado e lidam com ela afirmam não ter coragem para adentrar na caatinga. As fronteiras identitárias entre os gêneros masculino e feminino, menos nítidas nas sociedades pós-modernas, são visíveis nas vaquejadas da caatinga. As mulheres exaltam o poder do sexo masculino, referindo-se a sua força e valentia e, delimitando os espaços entre os sexos, ressaltam a falta de coragem delas para enfrentarem a agressividade da vegetação. Elas participam da festa como espectadoras e, ao acompanharem seus familiares, apontam com satisfação seus filhos participando da festa. Algumas destacam as disputas e prêmios dos filhos e exibem o prazer de vê-los disputando. Lembram o pedido do filho para a aquisição do primeiro terno de couro e a doação deste a outra criança como uma maneira de continuar a tradição. A vaquejada, para elas, é também momento de confraternização e de socialização com parentes e conhecidos de outras comunidades. Elas se envolvem, ainda, nas danças e cantorias, ou então se dedicam ao comércio de bebidas e gêneros alimentícios.

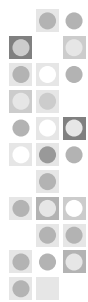
#### Vaquejada e identidade cultural – à guisa de conclusão

A representação cultural da vaquejada no sertão sergipano confirma a manutenção de uma identidade cultural persistente em uma sociedade de consumo. Como diz Claval (1995, p.146),

“[...] no estudo da identidade cultural devem ser considerados três elementos para a sua formação: a origem comum, o desejo de adequar-se às práticas de um grupo e a construção da pessoa que repousa na articulação exercida de todos os aspectos de sua vida centrados na cultura”.

Essa dimensão simbólica da vaquejada confirma o sentido que tem, para os homens, aquilo que os cerca. Almeida (2005b, p.332) se refere aos territórios culturais como “resultantes de uma apropriação simbólica-expressiva do espaço. Estes territórios são portadores de significados e relações simbólicas”. Continuando essa discussão, Almeida (2005a, p.109) enfatiza: “a cultura, portanto, inscreve-se assim no território, deixando marcas pela história e pelo trabalho humano”. No caso destacado do sertão sergipano, os valores culturais são inseridos pelas marcas deixadas pelo trabalho e pelas vaquejadas como resultantes da história de vida dos sertanejos.

Além da festa realizada pelos vaqueiros no meio rural em Sergipe, destaca-se, ainda, a Festa do Vaqueiro, realizada, todos os anos, no mês de setembro, no município de Porto da Folha-Sergipe. De acordo com um dos criadores do evento, o aposentado Antônio Alves de Farias, 68 anos, a pega de boi no meio da caatinga era o esporte do vaqueiro nas horas de folga. Ele afirma que participou de



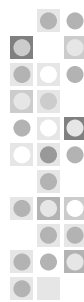
muitas competições com os colegas na mata e que, em 1969, Frei Angelino deu-lhes a idéia de que fizessem uma festa todos os anos. Eles criaram então a Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos. À primeira festa, só compareceram poucos vaqueiros, os das redondezas: “A gente só soltou três bois na caatinga. Ainda era uma festa pequena, mas ficamos muito satisfeitos”. Em 1970, por causa da grande seca, os vaqueiros não realizaram a festa, mas, a partir de 1971, ela passou a acontecer todos os anos, sempre em setembro, “porque não é inverno e a caatinga ainda está verde”. A festa foi crescendo, e, a cada ano, mais gado era solto no campo para os vaqueiros pegarem. Aqueles que o conseguiam eram aplaudidos na cidade, desfilavam com o boi todo enfeitado e ganhavam troféus. Atualmente, as proporções da festa extrapolaram o município, atraindo vaqueiros dos demais estados nordestinos, e são soltos na caatinga mais de cem bois.

Segundo o Sr. Antônio Alves de Farias, existem diferenças entre as festas anteriores desse município e as atuais. Diz ele: “Os vaqueiros de hoje desfilam na cidade com a cara limpinha; na minha época era um prazer para a gente cavalgar pelas ruas com o rosto cortado pelo mato, mostrando nossa bravura”. Continua a ser realizada a Missa do Vaqueiro e o desfile destes pelas ruas da cidade. O número de participantes é grande – 300 a 500 vaqueiros – e a festa ocorre durante três dias – sexta-feira, sábado e domingo. Desde que a festa se tornou uma atração turística do município, os membros da sociedade Nilo dos Santos recebem o apoio da Prefeitura Municipal e dos órgãos públicos e privados do estado de Sergipe. Nela, em virtude de suas proporções, foram inseridos outros aspectos culturais, como a apresentação de bandas *country*, de forró, e outros *shows* de artistas não-regionais.

Convém ressaltar que essa festa é o maior evento dos vaqueiros do estado de Sergipe e aqueles que se destacam nas vaquejadas realizadas nos povoados desejam participar dela devido à visibilidade que tem. Esse é o momento de encontro de velhos companheiros de festa, dos mais famosos *aboia*dores, dos repentistas, e também o momento do reconhecimento em nível estadual. Em virtude de o valor da taxa de inscrição ser mais elevado que nas demais festas realizadas nos povoados e do baixo poder aquisitivo dos vaqueiros para pagar hospedagem, além de outras despesas, muitos não podem participar da Festa do Vaqueiro, todos os anos, como desejariam. Os fazendeiros que emprestam o gado para a festa recebem desconto nas taxas de inscrição dos seus filhos ou dos seus amigos. Anteriormente, recebiam a premiação do seu animal, caso ele não fosse “pego” por um vaqueiro. Na atualidade, o prêmio é dividido entre o proprietário do animal e a comissão organizadora da festa, que se responsabiliza pela aquisição dos animais, em forma de empréstimo, transportando-os dos estabelecimentos rurais até o local da festa e devolvendo-os após a realização do evento. Quando ocorre algum dano ao animal, o proprietário recebe outro de igual valor ou é ressarcido em capital.

Diferentemente da festa do vaqueiro de Porto da Folha, nas vaquejadas realizadas nas comunidades rurais, sem o *marketing* e o apoio político, a participação dos vaqueiros com menor poder aquisitivo é predominante e o proprietário dos animais emprestados não recebe comissão alguma.

Conclui-se que a festa reinventada tem o seu público, seus rituais e tradições, colocando-se o rural no urbano na Festa do Vaqueiro. Ela se tornou um espetáculo apoiado em um forte *marketing* e, ao mesmo tempo, um fator de exclusão social e econômica do vaqueiro. Portanto, o vaqueiro “encourado” continua resistindo em Sergipe, com suas festas de tradição genuína, nos povoados do Sertão do São Francisco, e, ao mesmo tempo, a Festa do Vaqueiro



torna-se atração turística de um município, renova-se, e nela são inseridas novas formas, crescendo o número de espetáculos paralelos e a duração do evento.

Refletindo sobre a dinamicidade da prática cultural popular, Machado (2002, p.338) enfatiza: “as formas de expressão da cultura popular são impregnadas por suas formas de sobrevivência, de lutas e de experiências; refletem situações concretas, são práticas do mundo real”. Essa festa popular tradicional na caatinga expressa a identidade dos sertanejos. Para Claval (1995, p.148), o entendimento da identidade resultará na criação da territorialidade, entretanto “o cuidado de preservar sua identidade não impede a esses grupos sociais de ter relações com aqueles que são diferentes, adotando limites protetores que os impeçam de aceitar o que ameaça seus valores essenciais”.

Apesar de sua expressividade, a festa do vaqueiro não inviabiliza as demais vaquejadas na caatinga do sertão. A pega do boi na caatinga continua a ser praticada como parte das atividades da lida com o gado, fortalecendo a identidade cultural dos vaqueiros. Como enfatiza Cascudo (2005, p.111), “um vaqueiro aboiando, como há séculos, para humanizar gado bravo, era um protesto, um documento vivo da continuidade do espírito, a perpetuidade do hábito, a obstinação da herança tradicional”. Esse vaqueiro resiste no sertão sergipano do São Francisco...

## NOTAS

<sup>1</sup> Categoria utilizada por Diniz. J. A. F. (1996). O camponês não é um agricultor isolado; ele estabelece um circuito de relações espaciais, que começa com o grupo de vizinhança, o povoado e as feiras locais, avançando até as cidades próximas. Sua vida é regida por uma visão telúrica e por manifestações culturais.

<sup>2</sup> Microrregião do Sertão sergipano do São Francisco – regionalização criada pelo IBGE, formada pelos municípios Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Porto da Folha, Gararu, Itabi, Graccho Cardoso e Feira Nova.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Briquiel, 1930.

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Cultrix, 1969.

ALMEIDA, Maria Geralda de. A captura do cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. (321-347). In: ALMEIDA, M. G. (Org.). *Tantos cerrados*. Goiânia: Ed. Vieira, 2005b.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, territórios e territorialidades. In: *Revista da ANPEGE* (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia), ano 2, n. 2, 103-114, Fortaleza-Ceará: 2005a.

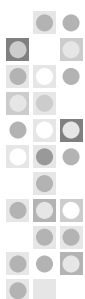
ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. (71-88). In: ALMEIDA, M. G.; RATTI, A. JP. (Orgs.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1986.

CASCUDO, Luís da Câmara. *A vaquejada nordestina e sua origem*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – MEC, 1969.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. São Paulo: Global, 2005.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Trad. L. F. Pimenta & M. C. A. Pimenta. Florianópolis: ED UFSC, 1999.



- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1999.
- DINIZ, José Alexandre Felizola. *A condição camponesa em Sergipe: desigualdade e persistência da agricultura familiar*. Aracaju: NPGEO, 1996.
- GIDDENS, A. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MACHADO, M. C. T. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. (335-345). In: PATRIOTA, R.; RAMOS, A. F. (Orgs.). *História e cultura: espaços plurais*. Uberlândia: Aspectos/NEHAC, 2002.
- MAIA, Doralice Sátyro. A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades. (159-185). In: ALMEIDA, M. G.; RATTIS, A. JP. (Orgs.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003.
- MENEZES, Sônia de S. M. *De panelas a Itabi*. Aracaju: Ed. JAndrade, 2004.
- NUNES, M. Thetis. Anais do Seminário sobre o gado e o couro. *Revista Sergipana de Cultura*, ano II, n. 2, Aracaju, 1978.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- VARGAS, M. A. M. Sustentabilidade cultural e as estratégias de desenvolvimento do Baixo São Francisco. (113-158). In: ALMEIDA, M. G.; RATTIS, A. JP. (Orgs.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003.
- WAGNER e MIKESEL. Os temas da geografia cultural. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

